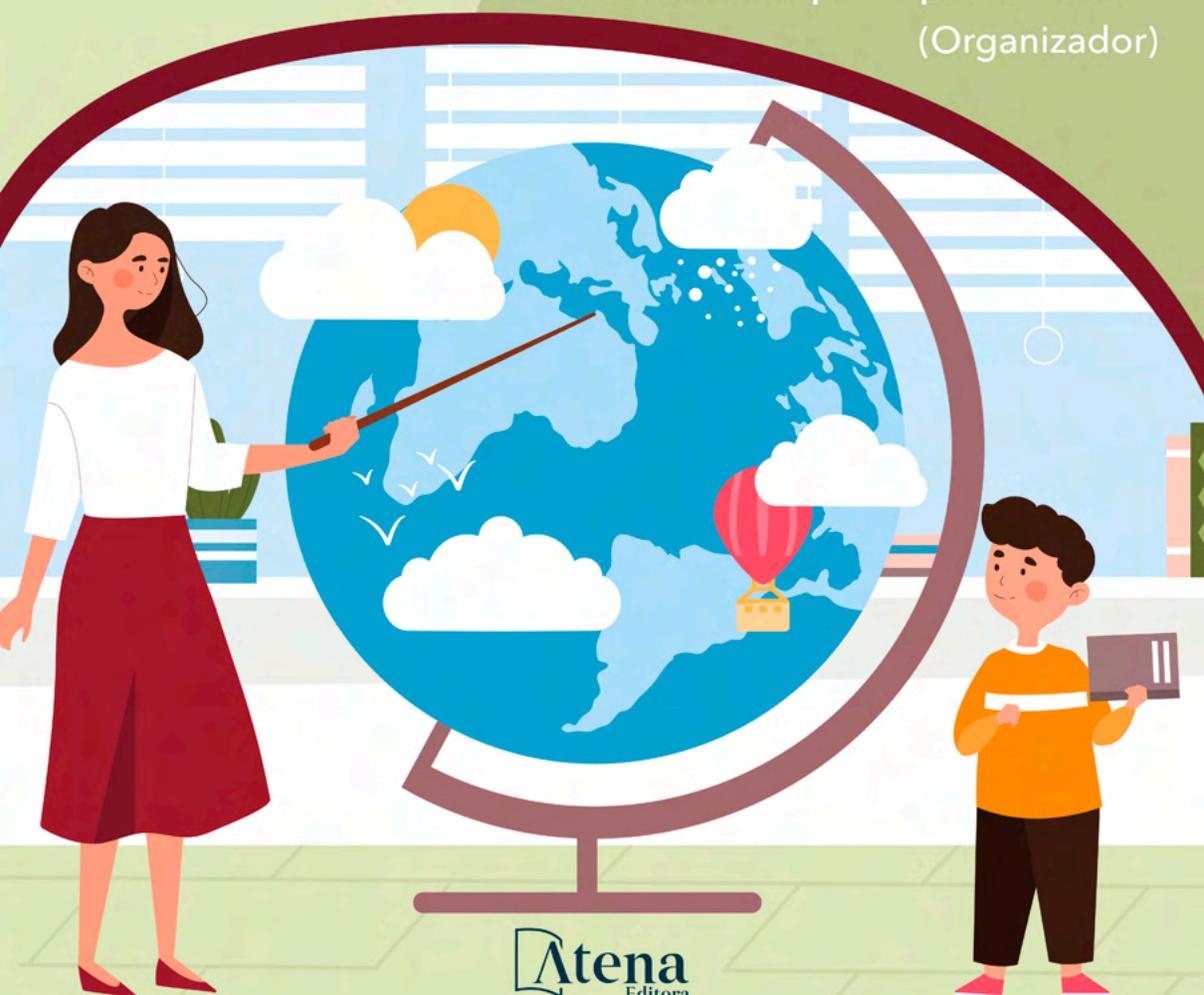


GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas 2

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)



GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas 2

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas 2 /
Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0278-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.787220106>

1. Geografia – Estudo e ensino. I. Ferreira, Gustavo
Henrique Cepolini (Organizador). II. Título.

CDD 910.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “**Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas - 2**” cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de dezenove capítulos de professores/as e pesquisadores/as oriundos/as de diferentes instituições brasileiras.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento da Educação Básica no país em consonância com a formação inicial e continuada de professores. Por isso, reitera-se a oportunidade em debater a Geografia e suas múltiplas dimensões teóricas e práticas.

No decorrer dos capítulos as autoras e os autores apresentam leituras inerentes ao Ensino de Geografia, Metodologias e Currículo de Geografia, Educação Ambiental, Metodologias ativas e inclusão, Geotecnologias e ensino, Desenvolvimento econômico e social, Geografia da Saúde, Comércio ilegal na fronteira, Enchentes em áreas urbanas, Urbanização do Cerrado, Geoturismo e Mineração e seus impactos. Tais temas são essenciais para construção para uma Geografia que fomente à cidadania e transformação social e territorial.

Assim, esperamos que as análises e contribuições ora publicadas na Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão da ciência geográfica para derrubar barreiras e muros e construir pontes com o zelo e compromisso social com um presente-futuro para todas, todos e todes aqui e acolá.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DELGADO DE CARVALHO E THEREZINHA DE CASTRO: DA NECESSIDADE DA GEOPOLÍTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA (VERSÃO AMPLIADA)

André Luiz de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201061>

CAPÍTULO 2..... 17

O ESPAÇO VIVIDO E METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS A PARTIR DAS HABILIDADES PRESENTES NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR- BNCC DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Fábio Ferreira de Lima

Maria Ediney Ferreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201062>

CAPÍTULO 3..... 33

A CIÊNCIA GEOGRÁFICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO

Cynthia Ellen Bonifácio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201063>

CAPÍTULO 4..... 39

O USO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES SURDOS NO ENSINO DE LIBRAS

Tales Douglas Moreira Nogueira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201064>

CAPÍTULO 5..... 52

BREVES REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURRÍCULO

Cynthia Ellen Bonifácio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201065>

CAPÍTULO 6..... 59

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM GEOTECNOLOGIAS APLICADAS NO ENSINO TÉCNICO E TECNOLÓGICO DO AMAZONAS

Marilene Alves da Silva

Letícia Alves da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201066>

CAPÍTULO 7..... 69

DUQUE DE CAXIAS (RJ) SITUAÇÃO PARADOXAL: CRESCIMENTO ECONÔMICO X DESENVOLVIMENTO SOCIAL BAIXO

Fernando Ribeiro Camaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201067>

CAPÍTULO 8..... 87

A INFLUÊNCIA DA GRIPE ESPANHOLA E COVID-19 NA TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO RECIFENSE

Marina Loureiro Medeiros

Jessé Santos de Souza Junior

Maria Vitória Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201068>

CAPÍTULO 9..... 96

FATORES GEOGRÁFICOS INTERVENIENTES NA OCORRÊNCIA DA GASTROENTERITE NO MUNICÍPIO DE GUARAPUAVA, PR

Alessandro Gonçalves

Felipe Oliveira Zahaidak

Carlos Alexandre de Paula Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201069>

CAPÍTULO 10..... 109

O COMÉRCIO ILEGAL DE CIGARROS NO SEGMENTO DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI SITUADO ENTRE OS DEPARTAMENTOS DE ALTO PARANÁ E CANINDEYÚ COM O OESTE DO PARANÁ: UMA ATIVIDADE ORGANIZADA EM REDES?

Alan D. Schons

Maristela Ferrari

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010610>

CAPÍTULO 11..... 126

O TRANSBORDAR DO CÓRREGO SEGREDO EM CAMPO GRANDE – MS: A PERCEPÇÃO DO PROBLEMA QUANDO SUAS ÁGUAS SE UNEM À CHUVA E CAUSAM ENCHENTES

Rejane Alves Félix

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010611>

CAPÍTULO 12..... 145

SANTO ANTÔNIO DA PLATINA (PR): UMA ANÁLISE DOS POTENCIAIS GEOTURÍSTICOS

Euzemar Florentino Junior

Gilnei Machado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010612>

CAPÍTULO 13..... 154

REBATIMENTOS SOCIOESPACIAIS DA URBANIZAÇÃO DOS CERRADOS: BARREIRAS E LUÍS EDUARDO MAGALHÃES EM FOCO

Elton Andrade dos Santos

Agripino Souza Coelho Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010613>

CAPÍTULO 14..... 167

A INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA FARINHA DE MANDIOCA NO MUNICÍPIO DE IRARÁ/BA UMA FERRAMENTA CAMPONESA - ANÁLISE E REFLEXÃO

Andreia silva de Alcantara

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010614>

CAPÍTULO 15..... 178

ESTIMATIVA DO USO DE NPK NA CULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR NAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DOS RIOS AGUAPEÍ E PEIXE- OESTE PAULISTA

Renata Pereira Prates

Bianca Carreira

Edmiler José Silva Degrande

Paulo Cesar Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010615>

CAPÍTULO 16..... 190

UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS PARA PREVISÃO DE DESLIZAMENTOS DE TERRA

Caio Saito Leopoldo e Silva

Oswaldo R. T. Hu

Sergio V. D. Pamboukian

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010616>

CAPÍTULO 17..... 200

CULTURA E RURALIDADE ARAGUAIA-TOCANTINA – ELEMENTOS PARA SE PENSAR A POSSE DA TERRA

Angel Marques Amador

Ronildo Guilherme Sales

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010617>

CAPÍTULO 18..... 214

MEGAMINERAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GEOGRÁFICAS A PARTIR DO SEMIÁRIDO MINEIRO

Bruna França Oliveira

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010618>

CAPÍTULO 19..... 234

GÉNESIS Y EVOLUCIÓN TECTÓNICA DE LA CUENCA DE SALINAS GRANDES (PUNA SEPTENTRIONAL, ARGENTINA): INFERENCIAS A PARTIR DE LA ARQUITECTURA SÍSMICA, GEOLOGÍA Y GEOMORFOLOGÍA

María del Carmen Visich

David Afranllie

Josefina Ramírez Visich

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010619>

SOBRE O ORGANIZADOR	248
ÍNDICE REMISSIVO.....	249

REBATIMENTOS SOCIOESPACIAIS DA URBANIZAÇÃO DOS CERRADOS: BARREIRAS E LUÍS EDUARDO MAGALHÃES EM FOCO

Data de aceite: 02/05/2022

Data de submissão: 24/03/2022

Elton Andrade dos Santos

Universidade do Estado da Bahia - UNEB,
PROET
Salvador – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/1436429956978610>

Agripino Souza Coelho Neto

Universidade do Estado da Bahia - UNEB,
PROET
Salvador – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/1597179534966668>

RESUMO: A partir da década de 1960, os cerrados brasileiros foram objeto de políticas governamentais que estimularam sua ocupação populacional e sua exploração econômica. As ações da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e do Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER) foram decisivas para o desenvolvimento de tecnologias que viabilizaram a expansão agrícola nos cerrados. As cidades médias brasileiras apresentaram um dinamismo demográfico significativo e isso se deve à contribuição dada pelos saldos migratórios a esse crescimento urbano. Nos cerrados baianos, a industrialização da agricultura e consolidação dos complexos agroindustriais conduziram ao processo crescente de concentração de terra. Com isso, as áreas de expansão do agronegócio são de

forte expansão demográfica, com movimentação constante de fluxos migratórios, influenciando na dinâmica de ocupação. Os resultados do processo de ocupação dos cerrados baianos apontaram o crescimento acelerado de cidades, o surgimento de novas cidades, a intensificação do processo de urbanização e a produção de segregação socioespacial, as análises informam um processo expressivo de urbanização gerados pelo agronegócio em Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, com o crescimento da população urbana, dispondo de uma densa infraestrutura de serviços e comércios diretamente vinculados a atividade do agronegócio. Entretanto, não refletem em melhoria geral das condições de vida da população, reproduzindo, por um lado, bairros com enormes precariedades de infraestrutura, enquanto ativa um forte mercado imobiliário, com a proliferação de condomínios de casas e edifícios fechados de elevado padrão, para uma pequena parcela da população de alto poder aquisitivo.

PALAVRAS-CHAVE: Cerrados, Reestruturação produtiva, Urbanização, Barreiras, Luís Eduardo Magalhães.

SOCIO-SPATIAL IMPACTS OF THE URBANIZATION OF THE CERRADOS: BARREIRAS AND LUÍS EDUARDO MAGALHÃES IN FOCUS

ABSTRACT: From the 1960s onwards, the Brazilian cerrados were the object of government policies that stimulated population occupation and economic exploitation. The actions of the Brazilian Agricultural Research Corporation (EMBRAPA) and the Japanese-Brazilian

Cooperation Program for the Development of the Cerrados (PRODECER) were decisive for the development of technologies that made agricultural expansion in the cerrados viable. Medium-sized Brazilian cities showed a significant demographic dynamism and this is due to the contribution made by migratory balances to this urban growth. In the cerrados of Bahia, the industrialization of agriculture and the consolidation of agro-industrial complexes led to a growing process of land concentration. Thus, the expansion areas of agribusiness are of strong demographic expansion, with constant movement of migratory flows, influencing the dynamics of occupation. The results of the process of occupation of the cerrados of Bahia pointed to the accelerated growth of cities, the emergence of new cities, the intensification of the urbanization process and the production of socio-spatial segregation, the analyzes inform an expressive process of urbanization generated by agribusiness in Barreiras and Luís Eduardo Magalhães, with the growth of the urban population, with a dense infrastructure of services and commerce directly linked to agribusiness. However, they do not reflect a general improvement in the population's living conditions, reproducing, on the one hand, neighborhoods with enormous infrastructure precariousness, while activating a strong real estate market, with the proliferation of high standard condominiums of houses and closed buildings, for a small portion of the population with high purchasing power.

KEYWORDS: Cerrados, Productive restructuring, Urbanization Barreiras, Luís Eduardo Magalhães.

1 | INTRODUÇÃO

O campo brasileiro, em especial as áreas de cerrado, passou a ser considerado estratégico do ponto de vista da ação das grandes corporações, que passaram a controlar de forma crescente o setor agropecuário. Nos cerrados brasileiros foi deflagrado um processo de reestruturação produtiva, principalmente no setor agropecuário, com a inserção de tecnologias mais sofisticadas para produzir mais com menos recursos, incorporando parcelas crescentes de terra ao processo produtivo.

A análise do processo histórico no Oeste Baiano possibilita compreender a reconfiguração desse espaço e como os novos centros urbanos que aí se desenvolveram estão relacionados com a produção agrícola. Até meados da década de 1980, os cerrados baianos se caracterizavam por uma ocupação lenta e rarefeita.

A literatura em Denis Elias (2003), José Graziano da Silva (1996) e Roberto Lobato Corrêa (1999) reconhecem que os cerrados brasileiros foram impactados pela reestruturação produtiva do capital, dando continuidade ao processo de modernização do campo, refletindo o avanço da industrialização da agricultura e da urbanização de pequenas e médias cidades.

Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar a produção do espaço urbano das cidades de Barreiras-BA e Luís Eduardo Magalhães-BA, sob a ótica das transformações socioespaciais impostas pelo processo de modernização do campo e de urbanização.

Considerando o objetivo deste trabalho, recorreu-se aos seguintes procedimentos metodológicos: revisão de literatura, análise de documentos de agentes urbanos,

levantamento de dados secundários das agências oficiais de informação, pesquisa de campo com observação sistemática.

A revisão de literatura cumpriu um papel fundamental na compreensão do processo de reestruturação produtiva dos cerrados brasileiros e dos consequentes processos de modernização do campo e de urbanização. A avaliação das transformações nas cidades exigiu o levantamento de informações nos sites de imobiliárias e de jornais de notícias, além do levantamento de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da elaboração de mapas temáticos, procedimentos voltados para viabilizar a compreensão das modificações espaciais nas últimas duas décadas nas duas cidades.

Em termos de pesquisa de campo, foram realizadas observações sistemáticas (com registros escritos e fotográficos) dos processos e formas espaciais que conformam o espaço urbano das duas cidades investigadas, destacando a segregação residencial, a crescente verticalização e a concentração espacial das atividades vinculadas à agropecuária, possibilitando uma aproximação e uma leitura da realidade para avaliar rebatimentos socioespaciais que repercutiram na intensa urbanização e no rápido crescimento populacional.

Após esta introdução, o artigo conta com mais três seções. A primeira discute teoricamente as implicações do processo de urbanização na produção das cidades, à medida que passaram a cumprir um papel diferenciado em relação às regiões agrícolas. A segunda seção analisa a produção do espaço urbano identificando os agentes, as formas espaciais e as vulnerabilidades socioespaciais decorrentes dessa urbanização. Na terceira e última seção apresenta as considerações finais do estudo e reflexões obtidas.

2 | REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NOS CERRADOS BAIANOS

O debate sobre reestruturação produtiva no Brasil adquire notada dimensão em função das visíveis transformações que vêm ocorrendo em nosso país, com a incorporação de tecnologias organizacionais, ocasionando a aceleração da urbanização, alterações no mercado e na divisão social e territorial do trabalho.

O processo de reestruturação produtiva ocorre a partir do final dos anos 1970, com a crise do modelo fordista e se intensifica nos cerrados brasileiros a partir dos anos 1990, com a política neoliberal e a abertura econômica, acarretando transformações no processo produtivo e no espaço, produzindo novos espaços voltados para o agronegócio.

Os cerrados baianos, que antes eram espaços com pouca expressividade econômica (destacando-se a agricultura de subsistência, a pecuária extensiva, com núcleos urbanos pouco povoados, formados basicamente pela população nativa da região), tornou-se a partir da década de 1970 uma região com importantes centros urbanos, com a conformação de grandes áreas produtoras de grãos, principalmente a soja.

As redes viárias e de comunicações possibilitaram aproximar os grandes centros

urbanos de áreas geograficamente distantes do país, favorecendo uma melhor articulação do Nordeste, de maneira geral, ao nível nacional. A partir da constituição dos complexos agroindustriais com a evolução do setor agrícola e do seu dinamismo, ao mesmo tempo, os papéis das políticas econômicas foram determinantes no processo de viabilizar um novo modelo agrícola para a Bahia.

O Oeste Baiano se configura como um desses exemplos de região funcional ao agronegócio por conter, principalmente a partir da década de 1980, condições favoráveis à expansão dessa atividade, com investimento maciço de capital público e privado na tecnificação do território, com a concentração no Oeste Baiano, de fixos e fluxos das redes agroindustriais de *commodities* agrícolas do Nordeste (SANTOS, 2016).

Rios Filho (2017) considera que a difusão da “agricultura moderna” nos cerrados tem provocado uma nova organização de parte do território brasileiro, pautada, entre outras características, pelo surgimento de cidades funcionais ao campo cada vez mais mecanizado, processo deflagrado com chegada dos migrantes sulistas em busca de terras mais baratas e mais extensas. Estes migrantes contribuíram com a abertura de novas fronteiras no cerrado baiano e com a modernização da agricultura, processos certificados nas cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães.

No entanto, a difusão do agronegócio tem-se traduzido não apenas na reestruturação produtiva da agropecuária, mas no reforço de históricos problemas regionais, como a concentração fundiária e de renda, a desarticulação dos pequenos produtores e a expansão da monocultura, bem como a criação de novos problemas, a exemplo da privatização da água, da degradação ambiental, da exploração da mão de obra do campo e da intensa urbanização (OLIVEIRA, 2015).

O uso corporativo do território propiciou eficiência produtiva e competitividade do setor agropecuário em escala geográfica local, regional e global. As novas organizações espaciais resultam da relação de interdependência entre agricultura, indústria, população, urbanização e política. Esta interação promove o funcionamento, a estruturação e a dinâmica econômica da organização espacial do extremo oeste da Bahia (GÓES, 2011).

A reestruturação produtiva e a incorporação dos cerrados baianos ao modelo de produção agrícola “moderna” impulsionaram um expressivo processo migratório, que vem acompanhado de repercussões socioespaciais importantes, sendo verificado um intenso processo de urbanização, com o surgimento de novas cidades e o crescimento acelerado de cidades preexistentes.

A expansão da urbanização e o incremento da economia urbana, em áreas de difusão do agronegócio, adquire um padrão competitivo, empreendedor, ajustado aos interesses capitalistas e, portanto, atrativa aos agentes hegemônicos das redes agroindustriais. A lógica dominante agora, portanto, é da “urbanização corporativa” e da “cidade corporativa” (SANTOS, 2005).

Destacam-se, nesse processo, às novas e especializadas territorialidades

emergentes ligadas aos setores do agronegócio globalizado na fronteira agrícola do Cerrado Baiano. No entanto, como veremos, para além do crescimento econômico proliferam em todos os lugares da região, territórios de precariedade, instabilidade, pobreza e exclusão social.

As cidades do agronegócio passam a ser um mosaico de interações, devido ao estabelecimento de uma nova divisão social, técnica e territorial do trabalho. Nas cidades do agronegócio convivem dois tipos de migrantes: os que possuem condições de consumo e cuja infraestrutura urbana é feita para seu usufruto; e os excluídos do consumo moderno migrantes expulsos do campo pela modernização agrícola ou provenientes das áreas mais pobres do território brasileiro, que alojam nas áreas periféricas e aumentam o número de desempregados, subempregados e trabalhadores informais. (FREDERICO, 2011, p. 19).

Neste sentido, de acordo com as ideias do autor, pode-se verificar que a acentuada desigualdade social existente no Oeste Baiano nada mais é do que uma consequência do modelo econômico voltado para o agronegócio, uma vez que a concentração de capital ocasiona uma ampla disparidade social, que se torna visível à medida que se observa a heterogeneidade social da população nos bairros das cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, quando se compara o desenvolvimento destas cidades em relação às demais que compõem o Oeste da Bahia.

A precariedade de um território pode ser explicada a partir de diversos fenômenos gerados pela desigualdade social, tais como: acesso a infraestrutura básica (moradia, redes de água, luz, esgoto e comunicações, por exemplo), educação saúde, má gestão pública e má distribuição de renda, que na maioria dos casos é gerada pela concentração do capital.

De acordo com Castells (2014, p. 250), segregação tende a organização do “espaço em zonas de forte homogeneidade social interna e com intensa disparidade social entre elas, sendo a disparidade não compreendida apenas em termos de diferença”, mas também de hierarquia. Sposito (2016) argumenta que a segregação vai além de diferenciação, de desigualdades sociais e de áreas dotadas de homogeneidade, mesmo que ela se manifeste através destas características.

Diversos autores, a exemplo de Sposito (2016) e Castells (2014), tem ressaltado que o processo de urbanização está sendo cada vez mais influenciado pela segregação, fazendo com que aumentem a demanda e oferta por condomínios privados, ampliem-se os muros e cercas que isolam populações vulneráveis.

No caso do Oeste Baiano, o rápido avanço do agronegócio culminou no êxodo rural, e em intensos fluxos migratórios direcionados principalmente para os três municípios considerados polos agroindustriais, reconfigurando, desde então, uma nova dinâmica populacional urbana nas cidades que antes possuíam um contingente de habitantes relativamente baixo.

As cidades passaram a acomodar um expressivo número de pessoas, gerando

um crescimento urbano excludente, que resultou na formação de periferias nas cidades agroindustriais. Esses desdobramentos no espaço urbano serão detalhados na seção seguinte com os casos de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães.

3 I TRANSFORMAÇÕES INTRAURBANAS EM BARREIRAS E LUÍS EDUARDO MAGALHÃES

Os cerrados da Bahia passaram a atrair significativos contingentes populacionais de maneira intensa a partir dos anos 1970, quando se verificou uma enorme transferência de agricultores especializados no cultivo da soja do Rio Grande do Sul, do Paraná e de São Paulo.

As ações governamentais foram direcionadas às pesquisas das potencialidades agrícolas dos cerrados, com a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) em 1972. Além disso, programas governamentais, a exemplo do PRODECER, tiveram como principal função a criação de mecanismos de crédito oficial para o financiamento de compra de terras, custeio e investimento.

O movimento agrícola impulsionou um intenso fluxo migratório, criando uma dinâmica urbana, pois, cidades, que antes possuíam um contingente populacional relativamente baixo cresceram consideravelmente em poucos anos. Os dados de 1970 a 2010 revelam a evolução populacional e a proporção do crescimento urbano tanto na cidade de Barreiras (Tabela 1), assim como em Luís Eduardo Magalhães (Tabela 2).

Ano	População Total	Percentual de crescimento	População Urbana		População Rural	
			Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
1970	20.864	-	9.831	47,12%	11.033	52,88%
1980	41.462	98,70%	30.055	72,50%	11.407	27,50%
1991	92.640	123,40%	70.870	76,50%	21.770	23,50%
2000	131.335	41,80%	115.331	87,81%	16.004	12,19%
2010	137.427	4,40%	123.741	90,04%	13.686	9,96%

Tabela 1 - Evolução populacional e proporção do crescimento de Barreiras.1970-2010

Fonte: IBGE (BRASIL, 1970; 1980; 1991; 2000; 2010). Elaborado pelos autores.

Ano	População Total	Percentual de crescimento	População Urbana		População Rural	
			Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
1991	6.600	-	0	0%	6.600	100%
2000	18.757	184,2%	15.699	83,70%	3.058	16,30%
2010	60.105	220,4%	54.881	91,30%	5.224	8,70%

Nota: A cidade de Luiz Eduardo Magalhaes foi emancipada em 2000.

Tabela 2 - Evolução populacional e proporção do crescimento da cidade de Luís Eduardo Magalhães 1991-2010.

Fonte: IBGE (BRASIL, 1991; 2000; 2010). Elaborado pelos autores.

Os dados apresentados nas tabelas 1 e 2 revelam pelo menos três processos fundamentais para os cerrados baianos: o forte crescimento populacional dos dois municípios, o intenso processo de urbanização e o surgimento de uma nova cidade (Luís Eduardo Magalhães), que experimenta um crescimento elevado, em especial de sua população urbana.

O município de Barreiras passou por um exponencial crescimento populacional da ordem de 651% em apenas cinco décadas. Outra característica revelada com os dados são os números crescentes de população urbana, pois, até o início da década de 1970, a população rural era levemente superior (52,8%), mas em 2010, a população urbana atinge o expressivo patamar de 90,04%, muito em função das migrações do campo para a cidade e oriundas de outras partes do estado e do país.

O município de Barreiras é o maior e mais importante município da região, Barreiras tem sua emancipação consolidada na segunda metade do século XIX (no ano de 1891), porém, o período de maior dinâmica econômica e demográfica do município ocorreu a partir dos anos finais da década de 1970, pois em função do processo de reestruturação produtiva avançaram as atividades de caráter agroexportador e, conseqüentemente houve intensificação no fluxo de capital e população para a cidade.

Observando o cenário urbano do Oeste da Bahia, diante do processo histórico de reestruturação produtiva, a primeira cidade a se destacar foi Barreiras, que passou de uma cidade local sem expressão econômica para a condição de principal centro urbano da região agrícola, concentrando as atividades mais importantes no que se refere ao consumo produtivo, ocorrendo uma reorganização de seu espaço intraurbano, para se tornar uma cidade do agronegócio.

As transformações ocorridas no espaço urbano barreirense foram amplas e conduzidas pelas forças de mercado, pela intensa dinamização econômica instalada. Deste modo, o capital comandou a produção espacial da cidade e o Estado atuou com um ritmo menor que as forças econômicas capitalistas. Então, a maior parte dos equipamentos urbanos que surgiram de maneira quase imediata na cidade, foram aqueles favoráveis à fluidez das relações comerciais no espaço urbano e foi se expandindo à medida que novos migrantes foram chegando, conseqüentemente, a população foi crescendo e requerendo novos equipamentos.

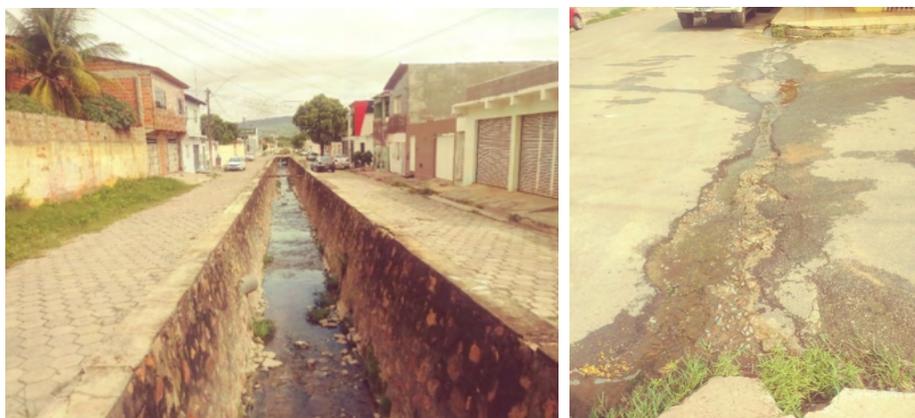
A questão que se coloca é o papel de centralidade econômica e política que historicamente a cidade sempre desempenhou na Região Oeste. Antes mesmo da introdução da região à cadeia produtiva da soja, a cidade já desempenhava este papel, inclusive por este motivo, ela foi o primeiro centro urbano da região a promover a função de suporte à agricultura científica globalizada, não somente do Oeste Baiano, mas do Nordeste, com grande densidade dos estabelecimentos de consumo produtivo (sementes, fertilizantes e maquinários agrícolas), permitindo pensar no papel na organização espacial das empresas com a intensificação das trocas comerciais, possibilitando a integração com

outros serviços.

Nas palavras de Souza, et al. (2015, p. 96):

Assim, Barreiras que já figurava como centro do terciário em âmbito regional, graças ao papel de entreposto de fluxos comerciais advindos pela via fluvial e por caminhos terrestres, passou a ser dimensionado também como um importante polo agroindustrial no estado da Bahia (antes da criação do município de Luís Eduardo Magalhães), tendo se transformado em um espaço luminoso, inserido no circuito econômico mundial, com a instalação de grandes multinacionais cuja produção de soja está voltada para a exportação.

Quanto aos aspectos urbanos de Barreiras, fica clara a ocorrência de um processo acelerado de expansão, com poucas iniciativas no que diz respeito ao ordenamento. Por conta disso, atualmente, a sua população convive com problemas típicos de cidades de maior porte, como violência urbana, carência de infraestrutura e serviços básicos, como, por exemplo, os relativos ao saneamento básico (Figuras 1 e 2).



Figuras 1 e 2 - Rua Custódio Moreno e Avenida José Bonifácio, Centro de Barreiras

Fonte: Acervo do autor, 2021.

Em geral o processo de transferência da classe média em direção aos condomínios horizontais e edifícios fechados, em que o mercado imobiliário se aproveita dessa oportunidade a nível habitacional para disseminar e vender estes espaços através da propaganda, como um oásis de boa infraestrutura, serviços, entretenimento e segurança.

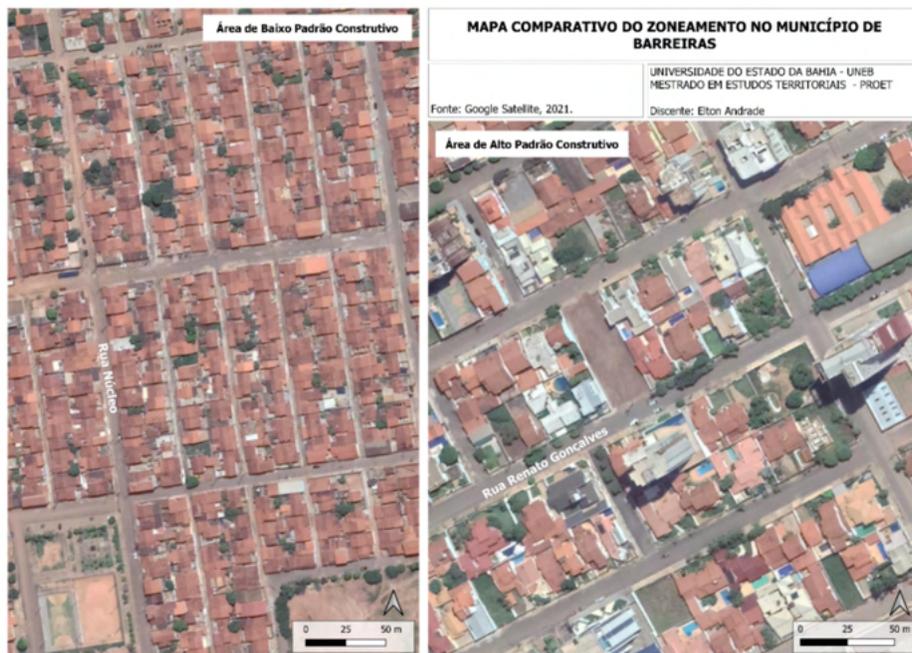


Figura 3 - Realidades em áreas de baixo e alto padrão construtivos. Barreiras-BA

Fonte: Google satélite. Elaborado por Elton Andrade, 2021.

A Figura 3 dispõe de uma imagem de satélite comparativa, dos bairros da Santa Luzia (área de baixo padrão construtivo) e Sandra Regina (alto padrão construtivo), nelas são possíveis observar logo de cara as diferenças relativas à densidade. A Santa Luzia concentra um número maior de pessoas, no mesmo recorte de escala gráfica das imagens, assim como a vegetação é rarefeita, algumas ruas são perceptíveis a falta de pavimentação e predominam residências unifamiliares na sua composição. Enquanto o bairro Sandra Regina apresenta diferentes padrões construtivos (residências, edifícios e condomínios horizontais, assim como a presença mais frequente de vegetação e de pavimentação das vias.

A realidade encontrada na cidade de Barreiras, marcada por uma intensa complexidade territorial que comporta de um lado uma elite consumidora (autossegurada) e do outro uma população periférica vítima da má distribuição de renda, falta de oportunidade e exclusão social (segregação imposta) e do outro lado os empreendimentos imobiliários agregam ao tecido da cidade extensas porções, ampliando significativamente o espaço intraurbano e, por consequência, a demanda por infraestrutura urbana em partes da cidade que ainda não foram preparadas para acolher condomínios desse porte.

Outra consequência foi o surgimento de um novo núcleo urbano na região, a cidade do agronegócio de Luís Eduardo Magalhães, cujos dados revelam um intenso crescimento, pois o município sai de 18.757 habitantes em 2000, ano de sua emancipação, para 87.519

habitantes, projeção do IBGE para o ano de 2019, indicando um crescimento superior a 367% em apenas duas décadas. A cidade deixou de ser um povoado com 6.600 habitantes em 1991, para se tornar uma cidade média em menos de 30 anos.

A presença de grandes estruturas produtivas próximo as rodovias (como é o caso da Bunge) ou mesmo em espaços de transição entre a cidade e o campo contribui com o aumento dos fluxos rodoviários. Estas agroindústrias atraem para o seu entorno, usos e atividades complementares, gerando espaços produtivos isolados, que também decorrem na dependência da cadeia produtiva.

Uma importante questão se impõe com esses números: as cidades apresentaram um elevado crescimento urbano em razão dos intensos fluxos migratórios que decorrem da atração gerada pela agricultura moderna, porém a população rural vem experimentando acentuado decréscimo a cada década, reforçando o desemprego estrutural que o agronegócio impõe e a consequente saída da população do campo em direção a cidade.

Observa-se a coexistência de conteúdos urbanos e rurais na conformação das cidades, componente fundamental para compreender os processos socioespaciais e entender como se estrutura e se organiza um comércio voltado para as demandas do agronegócio. Nesse sentido, muitas empresas ligadas ao agronegócio se instalaram, dispondo de instrumentos técnicos e tecnológicos que aumentaram seu poder, mobilizando importantes recursos de capital para esses espaços.

Nesse sentido, os agentes imobiliários começam a emergir devido às necessidades de preservar o processo de acumulação de capital, através de mudanças na organização social. Esses agentes são geradores de fragmentação entre as classes de alta e baixa renda, no qual o padrão de consumo e promovem a emergência de uma classe média que não é homogênea.



Figura 4 - Presença crescente de grandes condomínio edificações em Barreiras-BA

Fonte: Acervo dos autores, 2021.



Figura 5 - Publicidade em *Outdoor* de um residencial em Luís Eduardo Magalhães-BA

Fonte: Acervo dos autores, 2020.

As formas e os processos espaciais têm refletido na segregação socioespacial. De

um lado, proliferam os condomínios privados de alto padrão e a crescente verticalização (Figura 4), decorrentes da dinâmica econômica do agronegócio, que estrutura uma classe capaz de adquirir e sustentar um mercado imobiliário que adquiriu enorme vigor nas últimas duas décadas (Figura 5).

No entanto, essa realidade se contrapõe à existência de bairros que sofrem com a precariedade nas habitações e de infraestrutura de saneamento, lugares destinados à população de baixa renda. É notável na paisagem o crescimento desigual dos seus espaços urbanos por um processo que fortaleceu os grandes proprietários de terras e os empresários, contrastando com a pobreza de grande parte da população que depende dos empregos mal remunerados das atividades de comércio, serviços e indústria, vinculadas à chamada “agricultura moderna”.

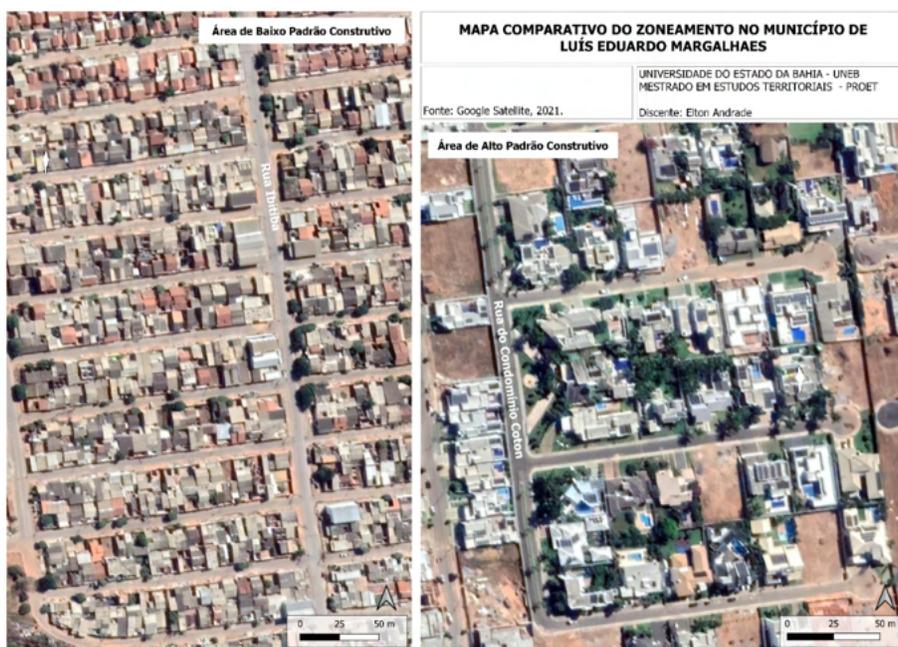


Figura 6 - Realidades em áreas de baixo e alto padrão construtivos. Luís Eduardo Magalhães

Fonte: Google satélite. Elaborado por Elton Andrade, 2021.

Nas imagens de satélite (representada na figura 6) estão representadas as diferenciações territoriais existentes nas duas realidades. O “território dos ricos” e o “território dos pobres”. De um lado está a visão de uma parte do bairro Jardim Paraíso, estruturado com grandes residências e condomínios. Do outro lado está a visão de uma parcela do bairro Santa Cruz, bairro periférico, sem infraestrutura e, associado à falta de infraestrutura urbana adequada, concentra grande parte do contingente populacional.

Os impactos da localização de empreendimentos de forma descontínua, produzem

novas frentes de expansão da cidade destinadas aos mais pobres com mais precariedades e problemas em seu entorno. Morar num bairro periférico está diretamente relacionado a diferença de oportunidades e acessos desiguais em termos sociais, econômicos, educacionais e culturais. As diferenciações das áreas residenciais da cidade refletem as diferenças econômicas de poder, influenciando decisivamente em onde os membros de cada grupo podem viver. As diferenças econômicas, de prestígio e de poder são função da classe social do indivíduo, diretamente ligada a posição ocupa em relação aos meios de produção.

As áreas residenciais formadas por uma concentração maior de pessoas de classe média alta e alto padrão, recebem, em maior número, imigrantes de regiões que tradicionalmente produtoras de soja. Sendo assim, podemos dizer que as pessoas que residem nestas áreas residenciais costumam investir ou são trabalhadores especializados neste tipo de produção.

A outra face expõe as áreas residenciais com piores percentuais de renda. Estas acabam por concentrar a maioria dos imigrantes de regiões que não possuem tradição no tipo de cultivo nos quais à cidade é especializada. Estas pessoas acabam por se tornar mão-de-obra barata e desqualificada na produção agrícola ou em atividades urbanas com remuneração inferior.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados e as análises realizadas pela pesquisa informaram os impactos gerados pela reestruturação produtiva nos Cerrados de modo mais marcante nas cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães. Essas cidades, embora estruturadas em torno do agronegócio, apresentam uma intensificação do processo de urbanização. Barreiras, como principal polo regional, se coloca também como sede de importantes órgãos estatais estaduais e federais, concentrando uma oferta de bens e serviços que atendem à demanda regional. No entanto, Luís Eduardo Magalhães tem sua dinâmica urbana centrada nas atividades do agronegócio, seja no segmento agrícola, industrial e comercial.

Observando a estrutura intraurbana das cidades em estudo, de maneira geral, podemos perceber que a correlação entre localização dos estabelecimentos produtivos e tipos de áreas residenciais por faixa de renda é essencial. A intensificação do processo de urbanização provocou o surgimento de novos usos, novas formas e funções para atender aos interesses da classe dominante.

A forma como se realizou a reestruturação produtiva nos cerrados baianos e a lógica de acumulação que comanda o funcionamento da agricultura “moderna” de grãos formou uma minoria de privilegiados, que vive em condomínios fechados de alto padrão, contrastando com a grande maioria de trabalhadores que vive em bairros com enorme precariedade de infraestrutura.

Com isso, conclui-se que os cerrados baianos se configuram como áreas ricas, do ponto de vista econômico, porém socialmente excludentes, em que apenas uma parcela privilegiada da população desfruta das melhores oportunidades (em grande parte, fazendeiros, detentores dos meios de produção, grandes comerciantes e a elite local formada por políticos). Com isso, grande parte das pessoas encontra-se desassistida devido à concentração de renda, terra e exploração da mão de obra, tais fatores indicam a reprodução de relações de poder assimétricas que tendem a ampliar as disparidades sociais nos cerrados baianos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, IBGE. **Censo Demográfico**. 1970, 1980, 1991, 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 mar. 2021.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2014

FREDERICO, Samuel. **As cidades do agronegócio na fronteira agrícola moderna brasileira**. Caderno Prudente de Geografia, Presidente Prudente, n.33, v.1, p. 5-23, 2011.

GÓES, L. M. **Abordagem sistêmica aplicada aos complexos agroindustriais da soja e do algodão no território do extremo oeste da Bahia**. 2011. 218 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

OLIVEIRA, M. A. B. **Do Sertão São Franciscano ao Oeste na Bahia: uma análise da trajetória de políticas do Estado no processo de formação territorial (1889-2014)**. 263 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, 2015.

RIOS FILHO, J. N. V. **As “novas” formas espaciais urbanas da agricultura: as cidades do agronegócio do Oeste Baiano e a cidade-campo em Salvador/BA**. 350 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências. Salvador, 2017.

SANTOS, C. D. dos. Difusão do agronegócio e reestruturação urbano-regional no Oeste Baiano. **GeoTextos**, v. 12, n. 1, p. 157-181, 2016.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

SOUZA, Ueliton Basílio de; SANTOS, Pablo Santana; BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. Agronegócio e mudanças espaciais: um estudo de caso do espaço barreirense. **Caminhos de Geografia**, v. 16, n. 56, 2015.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida et al (Org.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 61-93.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação antrópica 36, 126, 130

Apropriação 24, 26, 27, 120, 178, 183, 186, 187, 188, 189, 205, 215, 218, 219, 220, 233

B

Baixada Fluminense 69

Barreiras 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 203

Biogeografia 28, 96

BNCC 4, 9, 13, 14, 15, 17, 18, 23, 24, 29, 30, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 54, 55, 56, 58

Brasil 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 32, 42, 43, 44, 50, 54, 55, 57, 58, 60, 61, 63, 68, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 83, 86, 89, 90, 92, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 128, 144, 146, 147, 148, 153, 156, 159, 166, 168, 169, 170, 176, 177, 189, 190, 199, 200, 206, 207, 208, 212, 213, 214, 215, 219, 222, 226, 229, 231, 232, 233, 248

C

Campesinato 167, 169, 170, 171, 174, 175, 210, 212, 213, 216

Canindeyú 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118

Categoria geográfica 33, 35

Cerrados 27, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 165, 166

Cigarro 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120

Covid-19 65, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95

Currículo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

D

Departamentos Alto Paraná 109, 110, 113, 114

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 7, 8, 13, 14, 17, 18, 23, 26, 27, 29, 30, 34, 39, 40, 43, 44, 46, 47, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 66, 68, 69, 70, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 92, 98, 100, 103, 107, 125, 146, 147, 148, 153, 154, 158, 167, 168, 170, 171, 175, 177, 182, 185, 188, 189, 203, 204, 205, 206, 208, 211, 214, 215, 222, 224, 225, 229, 231, 232, 233

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 68, 71, 75, 79, 82, 84, 85, 98, 103, 152, 158, 191, 199, 212, 248

Educação ambiental 17, 18, 19, 21, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 68, 82, 152

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 191, 248

Ensino de geografia 1, 2, 17, 35, 68, 248

Ensino técnico 59, 61, 62, 63, 64, 65, 67

Epidemiologia 96, 99, 107

F

Fertilizantes 160, 178, 179, 180, 187, 188, 189

Formação de professores 12, 13, 30, 39, 40, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 59, 61, 64, 67

Fronteira Brasil-Paraguai 109, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 123

G

Geoconservação 145, 146, 147, 150, 153

Geopolítica 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 124

Geoprocessamento 68, 190

Geotecnologias 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 190, 191

Geoturismo 145, 146, 147, 148, 150, 153

Gripe espanhola 87, 88, 90, 91, 93, 95

I

Impactos 13, 15, 25, 27, 28, 49, 52, 53, 57, 85, 87, 88, 90, 106, 127, 143, 164, 165, 179, 182, 188, 192, 201, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 223, 225, 230, 231, 232

Indicação geográfica 167, 168, 171, 172, 174, 175, 176, 177

L

Libras 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50

Lugar 4, 14, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 29, 33, 35, 36, 37, 38, 43, 56, 70, 71, 75, 76, 79, 80, 81, 98, 113, 127, 174, 203, 204, 205, 236, 239, 240, 244

Luís Eduardo Magalhães 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

M

Megamineração 214, 232

Meio ambiente 18, 21, 24, 26, 32, 37, 38, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 62, 63, 65, 67, 103, 107, 126, 131, 144, 179, 182, 188, 191, 199, 203, 215, 225, 229, 230, 232

Metodologias ativas 39, 40, 47, 48, 49, 50, 51

Município 35, 54, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 116, 126, 128, 129, 131, 133, 134, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 150,

151, 152, 153, 160, 161, 162, 167, 168, 170, 172, 173, 174, 175, 203, 207, 212, 214, 220, 226

N

Norte de Minas 214, 220, 222, 228, 229, 231, 232

O

Oeste do Paraná 109, 110, 111, 113, 115

P

Paisagem 14, 33, 35, 36, 37, 55, 56, 65, 132, 141, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 164, 220

Paraná 98, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 124, 128, 145, 148, 149, 153, 159, 173, 174, 180

Pensamento geográfico 33, 34, 38

Pluviosidade 126, 131, 136

Prevenção de desastres naturais 190

R

Recife 87, 88, 89, 91, 93, 95

Recursos hídricos 26, 27, 134, 178, 180, 188, 189

Redes ilegais 109, 113, 116, 120, 122

Reestruturação produtiva 154, 155, 156, 157, 160, 165, 177

Resistência camponesa 167

S

Saneamento ambiental 96, 106

T

TDIC'S 45

Tecnológico 13, 26, 27, 46, 53, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 237

Território 4, 5, 7, 9, 12, 14, 15, 27, 36, 52, 53, 56, 69, 77, 82, 86, 102, 112, 118, 124, 125, 128, 129, 146, 157, 158, 164, 166, 167, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 183, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 213, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 229, 230, 231, 232, 233, 248

Transformação espacial 87, 89

U

Urbanização 28, 90, 98, 103, 127, 130, 141, 148, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 165, 166

GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

